



FACULDADE EFICAZ

CANON HEBREU¹

MORAES, José Carlos²

RESUMO: Este trabalho estudará o texto massorético, conhecido como Tanakh pelos judeus, este diz respeito aos escritos hebraicos, texto este que fora conservado pelos massoretas, também conhecidos por senhores da massorá, que mantiveram a linhagem do cânon hebraico preservando todo o conteúdo original dos livros, pois assim futuros grupos não cometeriam deslizes ao abordar tais livros canônicos, por este motivo o Antigo Testamento Bíblico é conhecido como texto massorético. Em outro ponto, será abordada a Septuaginta, Bíblia Grega conhecida como tradução dos setenta, que seria utilizada pelos judeus não residentes na Palestina, e que com o passar do tempo, ficaram as duas versões por existir. Será finalizado o artigo com a questão da indestrutibilidade da Bíblia, afinal, existem anos de tradição da mesma, pelos mais variados povos, até aqui no século vinte e um chegar mantendo toda a sua autoridade.

PALAVRAS-CHAVE: Bíblia; Cânon; Livros.

ABSTRACT: This research will study the Masoretic text known as Tanakh by the Jews, it regards to the Hebrew writing which was maintained by the Massorettes, also known by Lords of Masorah, which kept the lineage of the Hebrew canon preserving all the original contents of the books, this way future groups wouldn't commit slips when addressing such canonical books, for this reason the old Biblical testament is known as Masoretic text. On the other hand, it will be addressed The Septuagint, Greek Bible known as a translation of seventy, which would be used by the Jews not resident in Palestine and with the passage of time both versions were to exist. The article will be finalized with the issue about the indestructibility of the bible, after all, there are years of the same tradition, of all kinds of people, until here in the 21st century and maintaining all of its authority.

KEYWORDS: Bible, Canon, Books.

¹ Artigo de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Religião, Sociologia e Filosofia da área de Educação, sob orientação da Prof.^a Mstda. Renata Santana - Faculdade Eficaz de Maringá/PR. Email: Renata.santana@faculdadeeficaz.com.br.

² Acadêmico - Pós graduando em Religião, Filosofia e Sociologia pela Faculdade Eficaz de Maringá Pr. Email: Moraes.tesoureiro4398@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo demonstrar como foi o início da coleta dos Livros Sagrados da Bíblia, Antigo Testamento, a questão dos livros que sempre foram considerados canônicos, os não canônicos, as questões que surgiram e acabaram por determinar quais livros fariam parte do compêndio.

Demonstrar-se-á os conceitos e a constituição do Tanakh, que corresponde ao Antigo Testamento Hebraico e Cristão, também conhecido como texto massorético, e que possui uma composição tripla nas divisões contendo vinte e quatro livros. Em contrapartida terá fragmentos da história da Septuaginta ou Livro dos LXX, versão grega que teve inseridos os livros apócrifos.

1 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO BÍBLICO

A Bíblia Sagrada, Tradução da Vulgata (1985), em sua página de introdução geral relata que o elenco oficial dos livros sagrados chama-se cânon. Em sentido de norma, o cânon católico formado já no século IV em cartas pontifícias e concílios provinciais da África, fora sancionado após os concílios ecumênicos de Florença (1441) e de Trento (1546), e confirmados pelo concílio Vaticano I de (1870).

O veredito dos doutores hebreus repercutiu muito na Igreja cristã. O uso comum da Septuaginta ou LXX pelos apóstolos, as questões abordadas pelos escritores como Melitão de Sardes, Santo Atanásio de Alexandria, Santo Gregório de Nazianzo, entre os gregos, Santo Hilário de Poitiers, Rufino de Aquiléia e principalmente Jerônimo, tradutor da Vulgata entre os latinos, adotaram o cânon mais restrito dos hebreus, devido à autoridade desses antigos doutores, houve hesitação entre os católicos, eliminada somente no concílio de Trento de 1546.

Para os católicos, os apócrifos são certos livros antigos, semelhantes a livros bíblicos, quer do Novo, quer do Antigo Testamento, o mais das vezes atribuídos a personagens bíblicas, mas não inspirados, como os livros canônicos, e nem sempre escrito por pessoas fidedignas, nem de doutrina segura. Os apócrifos do Antigo

Testamento são chamados “pseudepígrafos” pelos protestantes. (BÍBLIA SAGRADA, TRADUÇÃO DA VULGATA, 1985 p. 9).

Thiessen (2001) relatou que em relação ao Antigo Testamento, existe a opinião de David Kimchi (1160 a 1232) e de Elias Levita (1465 a 1549), dois estudiosos judeus, que afirmaram que a seleção final do Cânon do Antigo Testamento foi concluída por Esdras e os membros da Grande Sinagoga, no quinto século antes de Cristo. Para tanto, tem-se o testemunho de Flávio Josefo de que o cânone foi completado no reino de Artaxerxes Longânimo nos tempos de Esdras.

É conhecida a informação de que Esdras se preocupava com os livros sagrados, afinal ele é chamado de “o escriba” (Neemias 8:1, 4, 9, 13; 12:26, 36), “versado na Lei de Moisés” (Esdras 7:6), e o “escriba das palavras dos mandamentos e dos estatutos do Senhor sobre Israel” (Esdras 7:11); afinal, a natureza da época de Esdras era tal que a seleção dos livros sagrados pode ter sido apropriadamente feita em seu decorrer. Depois do exílio, o povo estava fundando novamente as instituições religiosas da nação, então, o que seria mais natural do que reunir os volumes da biblioteca sacra.

2 DEFINIÇÃO DA PALAVRA CÂNON E SUA FORMAÇÃO

Osborne (2014) escreveu que *cânon* originalmente significa “junco”, daí o sentido de vara de medir, padrão, norma, lista e tabela. No período patrístico o termo era usado para conteúdo padrão, ético e doutrinário do cristianismo e desde o quarto século passou a ser utilizado para descrever a coleção de livros autênticos da Bíblia.

Thiessen (2001) em sua obra define cânon como junco ou vareta, daí uma vara para servir de medida, ou se ter uma regra padrão; pode ainda significar para um Concílio de Igreja uma decisão autorizada e em terceiro lugar conforme se aplica a Bíblia, aqueles livros que foram medidos, declarados satisfatórios e aprovados como inspirados por Deus.

Salienta o autor Osborne (2014) a questão da formação do Cânon, que o Antigo Testamento tem probabilidade de ter se desenvolvido em dois estágios. A Lei ou Torá foi reconhecida muito cedo, provavelmente nos tempos de Esdras, não se

sabe com exatidão quando começa a composição da coletânea dos Profetas e dos Escritos, mas é provável que esteja relacionado com o reconhecimento de que o tempo dos profetas havia cessado. Não se sabe, também, a questão da divisão do Livro dos Profetas e Escritos, sabe-se apenas que a divisão já era comum no final do segundo século a.C. (menções a esta em Siraque).

Certos livros como Ester, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes foram debatidos, mas posteriormente aceitos, alguns estudiosos alegam o fechamento do Cânon por volta de 200 a.C., e outros tão tarde quanto o primeiro século d.C., mas, uma coisa é certa, nos tempos dos escritos do Novo Testamento, o cânon do Antigo Testamento estava completo.

2.1 Os critérios de seleção do cânon

Cairns (1995) destaca que os livros do Velho Testamento e também do Novo Testamento, foram produzidos sob a inspiração do Espírito Santo e seriam a literatura viva da Igreja.

Francisco (2008) relata que é possível que os rabinos da época, do início do Cristianismo, tenham resolvido selecionar e oficializar os tipos textuais hebraicos que julgavam como melhores e mais consistentes dentre todos os que eles conheciam.

Assim, depois de aceito, o texto hebraico massorético passou a ser copiado com exatidão e reverência pelos escribas judeus, sem alterações, adições, omissões ou modificações significativas, sua forma textual permaneceu inalterada desde o período do Segundo Templo. Os massoretas foram os principais responsáveis pela uniformização do texto massorético, assim, diferenças entre manuscritos medievais são muito menores em face de manuscritos antigos, por exemplo, os do Mar Morto.

2.2 A ordem do cânon do antigo testamento

De acordo com Thiessen (2001) a genuína coleção de livros do Antigo Testamento, que as Escrituras Hebraicas se dividiam de forma tripla, sendo a Lei, os

Profetas, e os Kethubim, prova deste acontecimento está no relato de Jesus Cristo, como ele recebeu o Antigo Testamento, relatando os acontecimentos e doutrinas nos Evangelhos de Mateus 5:17, 18; João 10:34 a 36 e Lucas 24:27, 44, 45), assim ele endossa os ensinamentos do Antigo Testamento como verdadeiros.

Bruce (2011) faz menção ao relato sobre a *Baba Bathra*, com data provável entre 70 a 200 d.C., citada no Talmude Babilônico, com a especificidade de um tratado. Esta tradição designa autores inspirados e autorizados para escrever os livros da Tanakh, dispostos na cronologia em que foram escritos, tal como a temos hoje, sendo estes 24 livros idênticos em seu conteúdo aos 39 livros do Antigo Testamento protestante, a diferença numérica acontece ao considerar separadamente o livro dos doze, dividir Samuel, Reis, Crônicas, Esdras e Neemias.

No livro a Bíblia (2006), está relatado que o cânon do Antigo Testamento Protestante, de Gênesis a Malaquias, é composto de trinta e nove livros, pelo menos trinta escritores, havendo homens letrados, estadistas, militares, sacerdotes, reis e profetas; mas havia também gente comum como pastores e lavradores.

Essa divisão tripla das Escrituras foi comprovada, como mencionamos, no século II A.C. no prólogo de Ben Siraque e, depois, por Jesus em Lucas 24.44. Mas isso é também confirmado no Talmude Babilônico (*Baba bathra* 14b-15a) e por uma série de autores judeus e cristãos dos quatro primeiros séculos da era cristã (e.g. Filo, Josefo, Melito, Tertuliano, Orígenes, Eusébio, Jerônimo e Agostinho). Os hebreus enumeraram 24 livros nas suas Sagradas Escrituras. Samuel, Reis, Crônicas e Esdras-Neemias não eram divididos, ao passo que os doze Profetas Menores eram considerados o “Livro dos Doze”. Logo, o cânon hebraico continha quinze livros a menos que o AT atual (com 39), embora ambos apresentem o mesmo material. Os nomes dos títulos dos livros das Escrituras hebraicas geralmente eram obtidos do primeiro versículo do texto, ao passo que os títulos atuais são derivações dos títulos das versões posteriores grega e latina. (HILL;WALTON, 2006, p. 434).

2.3 A confirmação do cânon

Hill e Walton (2006) afirmam em sua obra que se deve entender que o cânon Hebraico foi estabelecido ou fixado pela liderança religiosa da comunidade hebraica, onde aprovaram a coleção de 24 livros inspirados como a reconhecida “Palavra do Senhor” na comunidade religiosa. Como confirmação dos livros canônicos, tem-se a

Vulgata de Jerônimo (405 D.C.) que o Papa Dâmaso solicitou a Jerônimo a tradução de uma edição popular da Bíblia para a Igreja Católica Romana. Jerônimo se opôs a inserção dos livros apócrifos, embora os conhecesse, mas teve que colocar no compêndio. Para isso fez anotações cuidadosas alertando os futuros leitores nesse sentido. Mais tarde outras traduções não mantiveram as anotações e a maioria dos leitores latinos não fazia mais distinção entre os livros do Antigo Testamento e o que eram livros apócrifos.

O concílio de Trento de 1545 a 1564 confirmou a Vulgata como canônica e declarou os livros apócrifos como equivalentes do material canônico, sendo os livros: (Tobias, Eclesiástico ou Siraque, Sabedoria, Judite, 1ª e 2ª Macabeus, Baruc e acréscimos a Daniel e Ester). A consolidação da Vulgata pela Igreja Católica veio somente no Concílio Vaticano de 1870 e parte de sua doutrina está nestes livros apócrifos.

Conforme relato de Stern (2010), é relevante a afirmação de que a Tanakh divide-se em três partes: *Torah* (lei, ensino), *Neviim* (profetas) e *Ktuvim* (escritos). Tanto o Antigo Testamento (AT) Cristão, quanto o Tanakh, dispõe em primeiro lugar dos cinco livros de Moisés. A Tanakh está dividida em Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Os anteriores correspondem aos Livros Históricos do AT, com exceção de Rute, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester que são agrupados com os Escritos. Os Profetas Posteriores equivalem aos Profetas do AT, com exceção de Lamentações e Daniel, que a Bíblia Hebraica coloca entre os escritos.

Quanto à seção dos “Escritos” do *Tanakh* é bem mais extensa que a do AT, inclui oito livros de outras partes do AT, surge ao fim no *Tanakh*, os Profetas Posteriores após os Anteriores, mas, no AT, os Profetas vêm em último lugar.

Afinal, por que as diferenças? Porque o AT Cristão segue a ordem dos livros encontrada nos manuscritos mais antigos da Septuaginta, a tradução da Tanakh para o grego, realizada pelos judeus de língua grega, da localidade de Alexandria no Egito, dois a três séculos antes do nascimento de Jesus, ao passo que a sequência da Tanakh foi estabelecida na Terra de Israel nos dias de Esdras.

Segundo relatam os autores Hill e Walton (2006), o livro apócrifo de “Bem Siraque ou Eclesiástico”, faz menção à coleção tripla do cânon hebreu que contem grandes ensinamentos, inclusos: Lei, Profetas e outros livros dos antigos pais. Dessa forma tem-se a confirmação aparente de que os hebreus haviam estabelecido o cânon bem antes de Jesus Cristo. O próprio Jesus recorreu ao cânon

hebreu triplo que consistia da Lei de Moisés conhecido como Pentateuco, os profetas e os Salmos ou escritos, conforme Lucas capítulo 24 verso 44.

Lee (2002) também escreveu sobre a questão da divisão dos livros do Antigo Testamento pelos hebreus, como sendo triplo, conforme falado por Jesus em Lucas 24:44. As partes eram Leis de Moisés, os Profetas e os Salmos.

O texto Bíblico presente no Novo Testamento é muito esclarecedor no tocante a divisão tripla do Cânon Hebreu, este é a sequencia conhecida por Jesus, evidenciada no Evangelho de Lucas capítulo 24 e verso 44 . “Depois disse-lhes: São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.” (Bíblia de Jerusalém, 2006, p 1834).

Stern (2010) define que a questão da utilização de “Salmos” na tradução do texto Bíblico, entenda-se a seção dos Escritos iniciada no *Tanakh* pelo livro de Salmos, não por Jó, como no AT Cristão e que o *Tanakh* difere do Antigo Testamento Cristão na ordem da apresentação dos livros apenas, os 24 livros da Bíblia Hebraica são os mesmos 39 livros do Antigo Testamento na Bíblia Cristã Protestante, na qual alguns livros têm divisões, por exemplo, Crônicas, Samuel, Reis, Esdras e Neemias e o livro dos 12 (profetas menores) na Bíblia Hebraica não são divididos.

Bruce (2011) também traz o relato histórico do autor judeu Flávio Josefo, que viveu no primeiro século D.C., e escreveu o tratado “Contra Apion” , obra em que defende a antiguidade do povo judeu contra o egípcio Apião durante o I século D.C.. Nesse trabalho Josefo contrasta as fontes confiáveis da história judaica com relatos conflitantes dos gregos e diz:

Não temos miríades de livros, discordando e conflitando entre si, mas apenas 22, contendo o registro de todo o tempo, e justamente dignos de crédito. Desses, cinco são os livros de Moisés, contendo as leis e a história transmitida desde a criação da raça humana até a morte do autor. Este período fica pouco aquém de três mil anos. Da morte de Moisés até o tempo de Artaxerxes, que reinou sobre a Pérsia depois de Xerxes, os profetas que se seguiram a Moisés escreveram em treze livros as coisas que transcorreram em seus dias. Os outros quatro livros restantes contêm hinos a Deus e princípios de vida para os seres humanos. Desde o tempo de Artaxerxes até o nosso tempo, um registro detalhado dos acontecimentos foi feito, mas não foi considerado de igual crédito como o dos registros anteriores, pois desde então não houve uma sucessão exata de profetas. (BRUCE 2011, p. 32).

Continuando, Bruce (2011) esclarece que quando Josefo fala de 22 livros, refere-se exatamente aos 24 livros da Bíblia Hebraica, porém distingue da contagem tradicional o Livro de Rute como um apêndice ao Livro de Juízes e Lamentações com relação ao Livro de Jeremias, assim totaliza 24 Livros Canônicos.

Lee (2002) também faz o relato de Flávio Josefo nascido em 37 da era cristã que disse: os judeus não são como os gregos que tem livros contraditórios entre si. Temos apenas 22 livros reconhecidos como divinos que depois de tão longo tempo, ninguém ousou acrescentar, retirar ou alterar estes livros.

Gaarder, Hellern e Notaker (2000) descrevem em sua obra que a Igreja Cristã divide o Antigo Testamento em 39 livros distintos divididos em quatro classes, sendo os cinco Livros de Moisés ou Pentateuco, livros históricos, livros proféticos e poesia, em vez de 24 como no judaísmo, divididos em três grupos sendo estes: A Lei ou Torá, os profetas ou Neviim e os escritos ou Ketubim, se pegarmos as letras iniciais destas três partes, formam o acrônimo Tenakh ou Tanakh, nome judaico comum da Bíblia, que significa livros.

3 A TANAKH E SUA CONFIRMAÇÃO

Atualmente todo o texto presente no Antigo Testamento Bíblico segundo o Francisco, (2008) tem sua origem no texto massorético, sendo que o texto hebraico tanto de judeus como de cristãos foi cuidado pelos massoretas durante todo o período medieval.

Pfeiffer, Rea e Vos, (2007) relatam que o testemunho de Jesus Cristo no Novo Testamento é claro e explícito, aceitando os 39 livros do Antigo Testamento, e não outros, como sendo a Palavra de Deus inteiramente verdadeira e oficial para seu povo, como esta é uma conclusão amplamente aceita, relatos estes do Evangelho de Mateus com pelo menos 31 citações específicas ou referências ao Antigo Testamento, afirmando serem verdadeiras as Escrituras. Outros exemplos são encontrados nos demais Evangelhos de Marcos, Lucas e João.

Segundo escreveu Mcgrath (2005), se comparar o conteúdo do Antigo Testamento da Bíblia em Hebraico e, de outro lado o teor das versões grega e latina percebe-se que ambas contém uma série de livros que não se encontram no Hebraico.

4 O SURGIMENTO DA SEPTUAGINTA

De acordo com Bruce (2011), quando Alexandre, o Grande, fundou Alexandria no Egito, em 331 a.C., haviam judeus na população de fala grega que desistiram de usar a língua dos antepassados, ficando privados da Bíblia Hebraica, e caso as Escrituras para o grego não fossem traduzidas seriam esquecidas.

Entre 250 a 150 a.C. a tradução foi pouco a pouco feita para o grego. Este acontecimento foi registrado no documento chamado Carta de Aristeas, que conta como os anciãos completaram a tradução do Pentateuco em 72 dias, por este motivo, Filo e Josefo relataram que somente o Pentateuco foi traduzido para o grego, os demais livros do Antigo Testamento foram traduzidos por outros escritores, incluindo aqueles livros que nunca fizeram parte da Bíblia em hebraico.

A Bíblia Sagrada, Tradução da Vulgata (1985), relata a seguinte situação: É muito preciosa a antiga versão grega, feita em Alexandria no Egito entre os séculos III e II a.C. Considerada por muitos como obra coletiva de setenta e dois doutores hebreus vindo de Jerusalém para a tradução, a pedido de Ptolomeu Filadelfo (285 a 247 a.C.), narrada na pseudo carta de Aristéia, continua ainda a chamar-se a versão dos Setenta (LXX). Destas traduções, formou-se um Antigo Testamento totalmente grego, mais amplo que o hebraico massorético.

4.1 Septuaginta x texto massorético

Francisco (2008) afirma que entre as formas hebraica e grega da Bíblia (Septuaginta ou LXX), existem divergências textuais. Muitas passagens do texto hebraico foram modificadas na LXX, algumas interpretações, alguns aumentos ou reduções, por causa de diversos fatores. A LXX não foi produzida para ser uma versão, rigorosamente precisa a ser utilizada pelos judeus de Alexandria ou mesmo pelos judeus de outras comunidades da diáspora judaica. Os tradutores não conheciam com precisão, os significados dos vocábulos e das expressões hebraicas.

5 CÂNONE DA SEPTUAGINTA

Segundo Francisco (2008), a septuaginta tem uma ordem dos livros diferente da Bíblia Hebraica, classificação esta de acordo com gêneros literários e não de acordo com sua aceitação no cânone, utilização judaica. Além deste fato, foram inclusos livros que não passaram pelos critérios de aceitação judaica, como: Judite, Tobias, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, acréscimos em Ester e Daniel, porém estes livros foram aceitos como canônicos na Bíblia católica de modo definitivo em 1546 e classificados como deutero-canônicos, ou segundo cânone, por católicos romanos e ortodoxos gregos e orientais, ou pelos judeus e protestantes como “apócrifos”, que significa oculto ou externo.

Osborne (2014) descreve a lista dos livros apócrifos, escritos no período intertestamentário e presentes na Septuaginta: 1 e 2 Esdras, Tobias, Judite, adições a Daniel (Salmo de Azarias, Cântico dos Três Jovens, História de Susana, Bel e o Dragão), adições a Ester, a Oração de Manassés, a Epístola de Jeremias, Baruque, Eclesiástico (Siraque), a Sabedoria de Salomão e 1 e 2 Macabeus, sendo importante relatar que alguns manuscritos da Septuaginta incluem 3 e 4 Macabeus e os Salmos de Salomão.

De acordo com os dados apresentados na Bíblia Jerusalém (2006) a Bíblia grega LXX, destinada aos judeus da dispersão, em uma ordem que varia segundo manuscritos e edições. Em primeiro lugar os Livros da Bíblia Hebraica traduzidos para o grego com variantes, omissões e adições importantes nos livros de Ester e Daniel. Em segundo lugar alguns livros que não pertencem à Bíblia Hebraica e entraram no Cânon Cristão (deutero-canônicos); a Igreja Católica Romana os têm como inspirados por Deus assim como os Livros da Bíblia Hebraica. Terminando o comentário, com exceção dos apócrifos, a Bíblia grega é igual em livros, porém em ordem diferente ao Antigo Testamento Hebraico aceito pela Igreja.

Também apresenta gravada a informação sobre o cânon da Bíblia Hebraica, que foi fixado pelos judeus da Palestina, por volta da era cristã e é conservado pelos judeus modernos e para o antigo testamento pelos protestantes. São aceitos os livros hebraicos, porém excluem-se os livros escritos no idioma grego e as inserções gregas nos livros de Ester e Daniel. A divisão hebraica consiste nas três partes, Lei

(Pentateuco), Profetas sendo anteriores e posteriores e Escritos (ou Hagiógrafos). É finalizada a questão como a Bíblia Hebraica contém vinte e quatro livros.

Francisco (2008) ainda relata que desde cedo causou muita preocupação aos leitores, as diferenças na tradução dos livros da Bíblia Hebraica versus os livros da Bíblia Septuaginta, entre o século I A.C. e o século II D.C, sofreu revisões em alguns de seus componentes, como nos livros de Samuel e de Reis, posteriormente Cristãos fizeram diversas revisões de seu texto, para melhorar e padronizar segundo o judaísmo rabínico. Outro motivo foi à corrupção textual da LXX ao longo dos séculos, pois foram produzidas muitas cópias que em boa parte das vezes não eram trabalhos cuidadosos.

6 A BÍBLIA É UM LIVRO INDESTRUTÍVEL

Segundo relatou Thiessen (2001), considerando que apenas poucos livros resistem além de um quarto de século; e que uma porcentagem muito menor dura um século; e que apenas um número muito pequeno dura mil anos, percebemos que a Bíblia é um livro muito diferente. Através da história, sabe-se das perseguições que este livro já sofreu, assim como o povo.

Conforme Cruz (2013) o Rei Salomão tornou-se representante dos sábios. O livro de Provérbios tem origem neste rei, depois da *Torá*, é o mais antigo livro Hebreu de educação e sua doutrina é o temor a Deus, sendo o princípio da sabedoria. A sinagoga foi seu maior resultado, porque na volta a Jerusalém, as sinagogas são mantidas como local de estudo e ensino, produzindo avivamentos descritos no livro de Neemias.

Cruz (2013) relata ainda que havia fases no aprendizado da Bíblia Hebraica, a primeira fase começava dos 6 aos 12 anos, aprendendo os 5 livros da *Torah*, aos 12 anos deveria saber o conteúdo de todos estes livros, nesta fase as crianças eram levadas a sinagoga, que era o único lugar onde existia a Bíblia. A segunda fase dos 12 aos 18 anos, os Rabis faziam a primeira avaliação com os meninos, se este demonstrasse habilidades para se tornar um rabino, os doutores da Lei davam o seguinte veredito: “É da vontade de Yhwh (Javé) que o menino prossiga no conhecimento e aprofundamento das Escrituras”. Agora se fosse esforçado, mas

não fosse aprovado pelos doutores, teria o veredito: “Percebe-se seu esforço e interesse pelas Escrituras, mas é da vontade de Yhwh (Javé) que o menino siga o caminho de seu pai”. A terceira fase iniciava dos 18 aos 30 anos, o menino aprovado escolhia um dos rabinos e demonstraria seus conhecimentos teóricos, apesar de saber tudo, tinha que ser avaliado. Por exemplo, será que esse jovem tem potencial para ser igual a mim? Ensinar como eu, viver como eu? O rabino somente o escolheria se tivesse certeza. Então nesta fase o discípulo caminharia com o mestre e faria tudo igual a ele. Após todas as aulas, quando dominava a matéria era nomeado erudito, assim aos 30 anos o discípulo no momento de sua formatura, estava pronto para ser um mestre.

Considerado este modelo de educação pode-se confirmar que Jesus viveu como um judeu e seguiu por estes caminhos, desde sua infância, juventude e na idade adulta tornou-se o rabi, desta forma sabe-se com fidelidade através dos relatos Bíblicos que o mesmo compreendeu e aprendeu o *Tanakh* na sua totalidade e o que aqui hoje, se possui foi o mesmo por Ele utilizado. Assim, o Antigo Testamento é merecedor de toda credibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema escolhido para esta pesquisa denominado Canon Hebreu, é alvo de discussões em todos os tempos da história. Ciência, Tecnologia e Arqueologia ajudam muito no trabalho de pesquisa dos escritores, principalmente em coletar os dados para inserção em seus livros.

O leitor que pouco conhecia da coletânea Bíblica do Antigo Testamento, descobriu a *Tanakh*, nome que corresponde ao acrônimo da coleção tripla dos livros bíblicos hebraicos, *Torá* - Lei de Moisés, *Nebiim* - Profetas e *Ketubim* - Escritos, porém sem os livros apócrifos. A Septuaginta, versão grega dos LXX que teve a inserção dos livros apócrifos, ficou demonstrada que isto ocorreu devido ao impacto do helenismo sobre o judaísmo. Como os escribas judeus não fizeram anotação alguma sobre os apócrifos, este fato trouxe certa confusão entre os Cristãos de língua grega, que acabaram por adotar a Septuaginta como sua versão Bíblica.

Este artigo acadêmico não encerra o assunto, também não é um limitador de águas, aqui foi trabalhado referencial católico, protestante e principalmente judaico, pois a Bíblia nasceu do povo Hebreu. Enfim, bem-vindo ao universo espiritual da Tanakh, que seja possível a todos desfrutar deste livro que contém as maravilhas escritas por Deus aos nossos corações. “Shalom Adonai”.

REFERÊNCIAS

A Bíblia. 3ª edição, São Paulo SP, Editora Árvore da Vida, 2006.

BÍBLIA. Língua Portuguesa. **Bíblia de Jerusalém.** 4ª impressão, São Paulo SP, Editora Paulus, 2006.

BÍBLIA. Língua Portuguesa. **Bíblia Sagrada.** Tradução da Vulgata pelo Padre Matos Soares. 13ª edição, São Paulo SP, Edições Paulinas, 1985.

BRUCE, F. F. **O Cânon das Escrituras – Como os livros da Bíblia vieram a ser reconhecidos como Escrituras Sagradas?** 1ª Edição, São Paulo SP, Editora Hagnos, 2011.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos.** Uma História da Igreja Cristã. 2ª Edição, São Paulo SP, Edições Vida Nova, 1995.

CRUZ, J. **Evangelismo e discipulado na Igreja local – A fórmula para o crescimento.** 1ª Edição, São Paulo SP, Editora GREI, 2013.

FRANCISCO, E. de F. **Manual da Bíblia Hebraica – Introdução ao texto massorético.** 3ª Edição, São Paulo SP, Edições Vida Nova, 2008.

HILL, A.; WALTON, J. H. **Panorama do Antigo Testamento.** 1ª Edição, São Paulo SP, Editora Vida, 2006.

LEE, W.. **Conhecendo a Bíblia.** 2ª Edição, São Paulo SP, Editora Árvore da Vida, 2002.

MCGRATH, A. E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica** – Uma introdução á Teologia Cristã. 1ª Edição, São Paulo SP, Editora Shedd Publicações, 2005.

NOTAKER, H; GAARDER, J; HELLERN, V. **O Livro das Religiões**. 3ª Edição, São Paulo SP, Editora Companhia das Letras, 2000.

OSBORNE, G. R. **Três Perguntas cruciais sobre a Bíblia**. 1ª Edição, São Paulo SP, Edições Vida Nova, 2014.

PFEIFFER, C. F; VOS, H. F; REA, J.. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 2ª Edição, Rio de Janeiro RJ, Editora CPAD, 2007.

STERN, D. H. **Bíblia Judaica Completa**. O Tanakh [AT] e a Brit Hadashah [NT]. 1a edição, São Paulo SP, Editora Vida, 2010.

THIESSEN, H. C.. **Palestras em Teologia Sistemática**. 1ª Edição, São Paulo SP, Editora Imprensa Batista Regular, 2001.